

CLAYTON E THIBAULT

O ajudante Keith Clayton não os ouvira aproximarem-se e agora, assim de perto, não lhe agradavam mais do que na primeira vez que os vira. O cão incluído. Não gostava de pastores alemães e este, embora se mantivesse calmo sobre as quatro patas, fazia-lhe lembrar *Panther*, o cão que acompanhava o ajudante Kenny Moore nas patrulhas, e que, à mais breve ordem, estava sempre pronto a morder os suspeitos na zona entre as pernas. Durante a maior parte do tempo considerava Moore um idiota mas, ainda assim, era o que mais parecido tinha com um amigo entre o pessoal do departamento, tendo de admitir que a forma como Moore contava aquelas histórias de mordeduras de braguilhas o fazia chorar a rir. E Moore teria certamente apreciado a pequena festa de banhistas nuas que Clayton acabara de interromper, após ter estado a espiar duas alunas da escola mista a bronzearam-se ao glorioso sol da manhã. Só lá estivera uns minutos, apenas tirara um par de fotografias com a câmara digital, quando viu uma terceira rapariga a espreitar por detrás de um canteiro de hortênsias. Ocultara rapidamente a máquina fotográfica nuns arbustos que tinha atrás de si, saíra do esconderijo da árvore e, momentos depois, ele e a rapariga encontravam-se frente a frente.

— Ora bem, o que é que se passa aqui? — perguntou com voz arrastada, a tentar pô-la na defensiva.

Não gostara de ter sido apanhado, nem ficou satisfeito com a sua pergunta inicial. Costumava ser mais delicado. Bastante mais. Felizmente, a rapariga estava demasiado embaraçada para avaliar a situação e quase caiu ao tentar recuar. Gaguejou qualquer coisa enquanto tentava cobrir-se com as mãos. Era como observar alguém a tentar jogar *Twister* consigo mesma.

Clayton não se esforçou para desviar os olhos. Em vez disso sorriu, a fingir que não lhe reparava no corpo, como se estivesse constantemente a encontrar mulheres nuas na mata. Agora tinha a certeza de que ela não sabia da máquina fotográfica.

— Calma, o que é que se passa? — perguntou.

Sabia perfeitamente o que se passava. Acontecia umas quantas vezes em cada Verão, especialmente em Agosto: alunas de Chapel Hill ou da NC State deslocavam-se à praia para um último fim-de-semana prolongado em Emerald Isle, antes de começar o período escolar de Outono; faziam por vezes um desvio por uma velha estrada, uma sucessão de curvas com buracos, que penetrava quase dois quilómetros na mata nacional, antes de atingir o ponto em que a ribeira Swan Creek descrevia uma curva apertada para South River. Era uma praia de seixos que acabara por ser conhecida como o lugar para banhos de sol em pelota — não sabia o que originara aquele hábito — e Clayton passava por ali amiúde, à espera de ter sorte. Duas semanas antes, vira seis miúdas giras; naquele dia, contudo, havia apenas três. E as duas que estavam estendidas ao sol já procuravam vestir as blusas. Embora uma delas fosse um tanto pesada, as outras duas, incluindo a moreninha que estava à frente dele, tinham corpos capazes de enlouquecer os colegas da faculdade. E também os ajudantes do xerife.

— Não sabíamos que andaria alguém por aqui! Pensámos que não houvesse problemas!

O rosto dela revelava inocência apenas suficiente para o fazer pensar «o papá não ficaria orgulhoso se soubesse o que a sua menina andava a fazer?». Divertia-o imaginar a resposta que ela daria à pergunta mas, como estava fardado, sabia que tinha de ser mais formal. Além disso, sabia que estava a tentar a sorte; se chegasse a saber-se que o gabinete do xerife patrulhava efectivamente aquela zona, nunca mais haveria alunas por ali, uma ideia que Clayton nem queria encarar.

— Vamos falar com as suas amigas.

Seguiu-a em direcção à praia, a observar as vãs tentativas que ela fazia para esconder o traseiro, a gozar o espectáculo. Na altura em que saíram da mata e desembocaram na praia as amigas já tinham vestido as blusas. A moreninha correu para junto das outras e não tardou a pegar numa toalha, embora o gesto a obrigasse a derrubar duas latas de cerveja. Clayton apontou para um aviso pregado numa árvore próxima.

— Não viram o aviso?

Todas viraram os olhos na direcção indicada. As pessoas são como carneiros, sempre à espera de ordens, pensou. O aviso, pequeno e parcialmente encoberto pelos ramos mais baixos de um velho carvalho,

fora ali colocado por ordem do juiz Kendrick Clayton, que, por acaso, era tio dele. A ideia do aviso fora de Keith; sabia que a proibição oficial só aumentaria o atractivo do lugar.

— Não o vimos! — respondeu a moreninha, virando-se para ele. — Não sabíamos! — continuou, ainda a debater-se com a toalha; as outras, demasiado aterradas para pensar, pouco mais faziam do que tentar enfiar os biquínis. — Foi a primeira vez que viemos aqui!

Disse-o como se choramingasse, com a vozinha de uma jovem mimada, o que provavelmente eram todas elas. Tinham todo o *ar* disso.

— Sabiam que o nudismo em público é proibido neste país?

Notou que os rostos jovens ficavam mais pálidos, sabendo que elas estariam a imaginar aquela pequena transgressão registada nos seus processos. Engraçado, mas recordou a si mesmo que não devia ir tão longe.

— Como é que se chama?

A moreninha engoliu em seco. — Amy. Amy White.

— De onde é?

— De Chapel Hill. Mas nasci em Charlotte.

— Estou a ver umas bebidas alcoólicas. Todas têm vinte e um anos?

As outras também responderam, pela primeira vez: — Sim, senhor ajudante.

— Muito bem, Amy. Vou dizer-lhe o que vou fazer. Vou aceitar a vossa palavra de que não viram o aviso e de que têm idade para beber legalmente, não vou dar grande importância a isto. Vou fingir que não estive aqui. Desde que não contem ao meu chefe que deixei as trêz à solta.

As raparigas não tinham a certeza de poderem acreditar nele.

— De verdade?

— De verdade. Também andei na universidade — respondeu. Não andara, mas sabia que soava bem. — E agora devem querer vestir-se. Nunca se sabe, pode andar gente por aí — acrescentou, sorridente. — Não se esqueçam de deixar isto limpo, está bem?

— Sim, senhor ajudante.

Voltou-se, preparando-se para as deixar. — Obrigado.

— É tudo?

Virando-se, voltou a sorrir. — É tudo. A partir de agora tenham cuidado.

A caminho do carro, Clayton foi afastando os arbustos mais ras-teiros, dobrando-se para passar por debaixo de alguns ramos, a pensar que agira bem. Agira mesmo muito bem. Na verdade, Amy até lhe sorrira e ainda lhe passara pela cabeça voltar atrás e pedir-lhe o número

de telefone. Não, decidiu, talvez fosse melhor não mexer mais no assunto. O mais provável era elas irem contar às amigas que, embora tivessem sido apanhadas pelo xerife, não lhes acontecera o que quer que fosse. Espalhar-se-ia a ideia de que os ajudantes da zona eram *fixes*. Ainda assim, enquanto caminhava pelo bosque, alimentava a esperança de que as fotografias estivessem boas. Seriam um acrescento agradável à sua pequena colecção.

Fora, de modo geral, um excelente dia. Quando se preparava para recolher a máquina fotográfica ouviu um assobio. Seguiu o som que viera da estrada florestal e viu um estranho com o cão, a caminhar lentamente estrada fora, parecendo uma espécie de *hippie* dos anos 60.

O estranho não estava com as raparigas. Clayton tinha a certeza disso. Primeiro, o tipo era demasiado velho para estudante universitário; estaria, pelo menos, no final da casa dos vinte. A longa cabeleira parecia um ninho de ratazanas e Clayton reparou no volume do saco de dormir que levava na mochila. Não se tratava de um passante a caminho da praia; o tipo tinha todo o aspecto de quem andava em excursão, talvez a acampar. Não fazia ideia do tempo que ele estivera ali ou daquilo que o homem vira.

Tal como Clayton a tirar fotografias?

De forma alguma. Não era possível. Não estivera visível a partir da estrada principal, os arbustos rasteiros eram espessos e ele não teria deixado de ouvir quem andasse pelo bosque. Certo? Mesmo assim, aquele era um lugar estranho para caminhadas. Não havia por ali o que quer que fosse e a última coisa que Clayton desejava era o aparecimento de um monte de *hippies* que estragassem o lugar preferido das estudantes.

Entretanto, o estranho passara por ele. Estava perto do carro-patrolha e dirigia-se para o jipe das raparigas. Clayton saltou para a estrada e pigarreou. Ao ouvirem o som, tanto o estranho como o cão se voltaram.

Clayton continuou a analisá-los de longe. O estranho não parecia afectado pelo súbito aparecimento do ajudante, o mesmo sucedendo com o cão, mas o olhar do caminhante era esquisito. Parecia estar à espera que Clayton se mostrasse. O que também sucedia com o pastor alemão. O cão mostrava-se distraído e alerta ao mesmo tempo, um ar quase *inteligente*, o mesmo que o *Panther* mostrava antes de Moore o soltar. O estômago do ajudante contraiu-se. Teve de fazer um esforço para não cobrir as partes privadas.

Continuaram a olhar-se durante um bom bocado. Desde há muito que Clayton sabia que o uniforme intimidava a maioria das pessoas.

Toda a gente, mesmo os inocentes, ficam nervosos quando vêm autoridades, aquele tipo não seria diferente. Era uma das razões por que adorava ser ajudante.

— Não tem uma trela para o cão? — inquiriu, dando o seu melhor para que a pergunta parecesse uma ordem.

— Tenho-a na mochila.

Clayton não distinguiu qualquer sotaque. «Inglês de Johnny Carson», como a mãe dele descrevia aquela maneira de falar. — Prenda o cão.

— Não se preocupe. O cão não se mexe sem eu o mandar.

— Mesmo assim, prenda-o.

O estranho pousou a mochila no chão e pôs-se à procura; Clayton esticou o pescoço, com a esperança de ver qualquer coisa parecida com drogas ou armas. Momentos depois a trela estava presa à coleira do cão e o estranho encarou-o com uma expressão que parecia perguntar: *E agora?*

— O que é que anda a fazer por aqui? — perguntou Clayton.

— A caminhar.

— Para um caminheiro arranjou uma grande mochila.

O estranho não respondeu.

— Ou talvez ande às voltas por aí, a tentar ver as paisagens?

— É isso que as pessoas vêm fazer aqui?

Clayton não gostou do tom, ou do que implicava. — Gostaria que se identificasse.

O estranho debruçou-se uma vez mais sobre a mochila e tirou de lá o passaporte. Colocou a mão aberta à frente do cão, ordenando-lhe que ficasse quieto, e deu um passo em direcção a Clayton para lhe entregar o documento.

— Não tem carta de condução?

— Não tenho.

O ajudante analisou o nome, movendo os lábios lentamente.

— Logan Thibault?

O estranho assentiu.

— De onde é?

— Colorado.

— Grande viagem.

Não obteve resposta.

— Vai a qualquer lugar especial?

— Vou a caminho de Arden.

— O que é que há em Arden?

— Não sei. Nunca lá estive.

Clayton recebeu mal a resposta. Demasiado seca. Demasiado... provocadora? Demasiado qualquer coisa. Fosse o que fosse. De repen-

te, reconheceu que não gostava do tipo. — Espere aqui — ordenou. — Não se importa que confirme isto, pois não?

— Esteja à vontade.

Ao encaminhar-se para o carro, Clayton olhou por cima do ombro e viu Thibault meter a mão no saco, tirar de lá uma tigelinha, onde despejou água de uma garrafa. Como se nada o preocupasse neste mundo.

«Vamos ver, não é assim?» Do carro-patrolha enviou o nome pela rádio, leu letra a letra, antes de ser interrompido pela recepcionista.

— É Thibault, como Ti-bôl, não Ti-bolt. É francês.

— Por que é que tenho de me preocupar com a pronúncia?

— Eu estava apenas a dizer...

— Deixa lá, Marge. Limitas-te a confirmar, se fazes favor?

— Ele tem ar de francês?

— Como diabo queres que eu conheça o aspecto de um francês?

— É apenas curiosidade. Não te irrites. Tenho aqui bastante que fazer.

Pois, tinha sempre, pensou Clayton. Provavelmente tinha de comer os *donuts*. Marge engolia uma boa dúzia de bolos com creme por dia. Devia pesar uns 150 quilos, pelo menos.

Pela janela do carro via o estrangeiro a dar palmadinhas nos flancos do cão, a falar-lhe baixinho enquanto o animal bebia água. Abanou a cabeça. A falar com animais. Maluco. Como se o cão pudesse compreender fosse o que fosse para além de ordens simples. A ex-mulher dele costumava fazer o mesmo. A mulher tratava os cães como pessoas, o que, numa primeira análise, devia tê-lo mantido afastado dela.

— Não encontro nada — ouviu Marge dizer. Pareceu-lhe que ela estava a mascar qualquer coisa. — Nada de estranho, tanto quanto posso ver.

— Tens a certeza?

— Sim, tenho a certeza. Sei o que faço.

Como se estivesse a ouvir a conversa, o estranho recolheu a tigela e guardou-a, voltando a pôr a mochila às costas.

— Houve alguns telefonemas fora do habitual? A denunciar pessoas que andam por aí a vaguear, coisas desse género?

— Não. Tem sido uma manhã calma. E, a propósito, onde é que estás? O teu pai tem andado à tua procura.

O pai de Clayton era o xerife do distrito.

— Diz-lhe que não me demoro.

— Parece zangado.

— Diz-lhe apenas que ando em patrulha, está bem?

Não se preocupou a acrescentar: «Para ele saber que tenho estado a trabalhar.»

— Eu digo-lhe.

Melhor.

— Tenho de desligar.

Colocou o aparelho no lugar e deixou-se ficar sentado, imóvel, sentindo um ligeiro desapontamento. Seria engraçado ver como o tipo encararia a prisão, com aquela cabeleira feminina e tudo. Os irmãos Landry teriam um dia em cheio com ele presente. Eram clientes habituais da cadeia nas noites de sábado: bêbados e desordeiros, perturbadores da ordem, sempre em lutas, quase sempre um com o outro. Excepto quando estavam atrás das grades. Nesse caso, metiam-se com qualquer outra pessoa.

Afagou o puxador da porta do carro. E qual seria daquela vez o motivo da zanga do pai? O pai enervava-o. Faz isto. Faz aquilo. Já preencheste os relatórios? Por que é que te atrasaste? Onde estiveste? Em metade das ocasiões gostaria de responder ao velhote que tratasse da vida. O velhote ainda pensava que controlava tudo à sua volta.

Não interessava. Supunha que acabaria por descobrir, mais cedo ou mais tarde. Era tempo de pôr o *hippie* dali para fora, antes de as raparigas aparecerem. Presumia-se que aquele era um sítio especial, não era verdade? *Hippies* esquisitos poderiam arruiná-lo.

Clayton saiu do carro e fechou a porta. O cão inclinou a cabeça para um lado ao vê-lo aproximar-se. — Peço desculpa pelo incómodo, Mr. Thibault — justificou-se ao devolver o passaporte. Desta vez acentuou propositadamente o sotaque. — Estou apenas a fazer o meu trabalho. A menos, é claro, que transporte drogas ou armas na mochila.

— Não trago.

— Importa-se que eu veja?

— Não, à vontade. Existe a Quarta Emenda e tudo isso.

— Vejo aí um saco de dormir. Tem andado a acampar?

— Na noite passada estive em Burke Camp.

Clayton analisou o homem, a pensar na resposta.

— Não existem parques de campismo nas redondezas.

O tipo ficou calado.

Foi Clayton quem desviou os olhos. — Seria preferível manter o cão preso pela trela.

— Não sabia que havia neste país uma lei sobre as trelas.

— Não existe. É para segurança do seu cão. A estrada principal tem grande movimento de automóveis.

— Terei isso em atenção.

— Muito bem, então — concluiu Clayton. Mas parou uma vez mais.

— Se não se importa que pergunte, há quanto tempo é que está aqui?

— Ia de passagem. Porquê?

Algo na maneira como o outro respondeu pôs Clayton a magicar, hesitante, antes de recordar a si mesmo que não havia maneira de o tipo ter visto o que ele andara a fazer. — Por nada.

— Posso ir?

— Sim, claro.

Ficou a observar o estranho mais o cão começarem a percorrer a estrada florestal, antes de virarem para um pequeno trilho que entrava pelo bosque. Logo que deixou de os ver, Clayton voltou ao seu ponto original de observação para procurar a máquina fotográfica. Espreitou por entre os arbustos, afastou as carumas com o pé e voltou a percorrer o mesmo caminho por duas vezes, queria ter a certeza de estar no lugar exacto. Acabou de joelhos, sentindo o pânico começar a invadi-lo. Trazia a máquina «por empréstimo», só para aquelas diligências especiais, e teria de responder a muitas perguntas do pai se a perdesse. Pior, descobrir-se-ia um cartão cheio de fotografias de nudistas. O pai era rigoroso em questões de protocolo e de responsabilidade.

Entretanto, tinham passado vários minutos. À distância, ouviu o som roufenho de um motor a pegar. Julgou que as estudantes iam partir; por um breve instante analisou o que elas poderiam pensar quando vissem que o carro-patrolha continuava parado no mesmo sítio. Tinha outras preocupações.

A máquina fotográfica desaparecera.

Não a perdera. *Desaparecera*. E aquela coisa não sairia certamente dali pelo seu próprio pé. Também não havia maneira de ter sido encontrada pelas raparigas. O que significava que o «Ti-bolt» tinha estado a gozar com ele o tempo todo. «Ele, a ser gozado por um Ti-bolt». Inacreditável. Reparara que o tipo agia com demasiada descontração, parecia-lhe estar a ver o filme *Ainda Sei o Que Fizeste no Verão Passado*.

Não, o homem não podia safar-se assim. Um sebento, um *hippie*, um maluco que falava com cães não ia fazer pouco de Keith Clayton. E continuar vivo, claro.

Apartou os arbustos, a abrir caminho para voltar à estrada, esperando ainda apanhar o Logan «Ti-bolt» e dar uma ligeira vista de olhos. E isso seria apenas o começo. Haveria mais, disso podia o outro ter a certeza. Um tipo a gozá-lo? Não era de todo possível. Pelo menos naquela cidade. Também se estava nas tintas para o cão. O cão ficaria perturbado? Adeus, cãozinho! Tão simples quanto isso. Os pastores alemães eram armas, não havia tribunal da terra que não lhe desse razão.

Havia, porém, de começar pelo princípio. Encontrar Thibault. Reaver a máquina fotográfica. A seguir, pensaria o que devia fazer.

Só então, ao aproximar-se do carro-patrolha, se apercebeu de que os dois pneus traseiros estavam vazios.

— Como é que disse que se chamava?

Minutos depois, Thibault debruçou-se sobre o banco dianteiro do jipe, a tentar fazer-se ouvir por cima do rugir do vento. — Logan Thibault — respondeu e apontou por cima do ombro. — E este é o *Zeus*.

Zeus seguia na parte traseira do jipe, de língua de fora, nariz a farejar o vento, enquanto o jipe ganhava velocidade e se dirigia para a estrada.

— Bonito cão. Eu sou a Amy. E estas são a Jennifer e a Lori.

Thibault olhou por cima do ombro. — Olá!

— Olá!

Pareciam distraídas. Thibault não ficou surpreso, dada a aflição por que tinham passado. — Obrigado pela boleia.

— Não tem de quê. Disse que ia para Hampton?

— Não é muito longe.

— Fica em caminho.

Depois de ter saído da estrada florestal e de ter arrumado umas coisas, Thibault voltara à estrada no momento em que as raparigas arrancavam. Fizera o sinal de pedido de boleia, de polegar para cima, satisfeito por *Zeus* estar junto dele, e as raparigas travaram quase imediatamente.

Por vezes, as coisas sucedem exactamente como deve ser.

Embora fingisse que não, na realidade assistira à chegada das três raparigas de manhã cedo, pois estava acampado mesmo junto à praia, mas tinha-as deixado gozar da privacidade que mereciam logo que começaram a despir-se. Na maneira de ver dele, o que as raparigas estavam a fazer cabia no conceito «sem dano, não há crime»; para além dele, não havia mais pessoas nas proximidades e ele não tinha a intenção de perder tempo a observar. Que interessava que tirassem as roupa, ou que envergassem vestidos de noite? Não eram contas do rosário dele e tinha a intenção de manter as coisas nesse pé, até ver o ajudante a conduzir o carro-patrolha da Polícia do Distrito de Hampton.

Conseguiu ver bem o ajudante através do pára-brisas e notou algo de *errado* na expressão do homem. Era difícil dizer exactamente do que se tratava e ele não perdeu mais tempo a analisar a questão. Voltou-se, atravessou o bosque e chegou mesmo a tempo de ver o ajudante verificar o disco da câmara digital, antes de fechar a porta do carro-

-patrulha. Ficou a vê-lo esgueirar-se para o monte sobranceiro à praia. Thibault sabia perfeitamente que o ajudante poderia estar ali oficialmente, mas ele mostrava aquele olhar do *Zeus* quando estava à espera do seu naco de carne. Um pouco excitado com o que estava a fazer.

Thibault obrigou *Zeus* a ficar onde estava, manteve a distância suficiente para que o ajudante não pudesse ouvi-lo e, depois disso, o plano foi aparecendo espontaneamente. Sabia que a confrontação directa estava fora de causa, pois o ajudante podia alegar que se encontrava a coligir provas, e a palavra dele contra a de um estranho teria uma força indesmentível. Qualquer acto físico tinha de ser posto de lado, principalmente por poder criar problemas dispensáveis. Felizmente — ou infelizmente, dependendo da perspectiva —, a rapariga apareceu, o ajudante entrou em pânico e Thibault viu onde a máquina fora parar. Logo que o ajudante e a rapariga se dirigiram para junto das amigas dela, Thibault recuperou a máquina. Podia ter-se retirado logo de seguida, mas aquele tipo precisava que lhe dessem uma lição. Não muito grande, apenas uma lição que mantivesse intacta a reputação das raparigas, permitisse que Thibault seguisse o seu caminho e estragasse o dia do ajudante. Foi o que o levou a voltar atrás e a esvaziar os pneus traseiros do carro do polícia.

— Ah, agora me recordo! — exclamou Thibault. — Encontrei a vossa máquina fotográfica entre os arbustos.

— Não é minha. Lori, Jen, alguma de vocês perdeu uma máquina? Ambas abanaram as cabeças.

— Não faz mal, fique com ela — decidiu Thibault, pondo-a em cima do banco. — E obrigado pela boleia. Já tenho uma máquina fotográfica.

— Tem a certeza? É capaz de ser cara.

— Certamente que é.

— Obrigada.

Thibault reparou nas sombras que lhe brincavam no rosto, julgando-a atraente, uma espécie de sedução própria das grandes cidades, com feições angulosas, pele escura e olhos castanhos com reflexos avedudados. Conseguia imaginar-se a contemplá-la durante horas.

— Eh... tem alguma coisa para fazer neste fim-de-semana? — indagou Amy. — Vamos todas à praia.

— Obrigado pelo convite, mas não posso.

— Aposto que vai visitar a namorada, não é verdade?

— O que é que a leva a dizer isso?

— Vê-se na sua cara.

Fez um esforço para se voltar. — Qualquer coisa desse género.